

CONSIDERAÇÕES SOBRE *TOTEM E TABU*: ALGUMAS CORRELAÇÕES ENTRE FREUD, LÉVI-STRAUSS E LACAN¹

TOTEM AND TABOO CONSIDERATIONS: SOME CORRELATIONS BETWEEN FREUD, LÉVI-STRAUSS AND LACAN

João Fernando de Moraes Trois²

Resumo: Este ensaio procura estabelecer algumas correlações de leitura sobre o texto de Freud *Totem e tabu* (1912-13), a partir da definição de cultura defendida por Lévi-Strauss, pensada como um sistema simbólico de regras (leis) que organizam as trocas sociais, tendo na proibição do incesto sua regra constitutiva, que assegura o domínio da cultura sobre a natureza. Tal estrutura simbólica terá a função de organizar tanto as formações sociais (as relações humanas) quanto as formações do inconsciente (origem da estruturação subjetiva), abrindo a via pela qual Lacan irá elaborar sua teoria da metáfora paterna e o conceito de nome-do-pai.

Palavras-chave: Psicanálise. Cultura. Totem e Tabu. Nome-do-Pai.

¹Escrito a partir das leituras e debates entabulados no Seminário de Teoria Psicanalítica X – A Cultura na Organização Psíquica (2019/2) do Programa de Formação em Psicanálise da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, coordenado pela psicanalista Bárbara Conte.

²Psicólogo (PUCRS), Mestre em Antropologia Social e Linguística (UFRGS), Doutor e Pós-Doutor em Linguística (UFRGS, PDJ – CNPq). Professor do Curso de Psicologia do Centro Universitário Metodista IPA. Psicanalista em formação (Sigmund Freud Associação Psicanalítica), Membro Associado e Participante da Comissão Científica da Sigmund Freud Associação Psicanalítica, Coordenador do Grupo de Investigação “Jacques Lacan: o retorno a Freud”. E-mail: joaotrois@yahoo.com.br

Abstract: *This essay seeks to establish some reading correlations about the text of Freud Totem and taboo (1912-13), based on the definition of culture defended by Lévi-Strauss, thought of as a symbolic system of rules (laws) that organize social exchanges, having incest prohibition as its constitutive rule, which ensures the dominance of culture over nature. Such symbolic structure will have the function of organizing both social formations (human relations) and the formations of the unconscious (origin of subjective structuring), opening the way by which Lacan will elaborate his theory of paternal metaphor and the concept of name-of-the-father.*

Keywords: *Psychoanalysis. Culture. Totem and Taboo. Name-of-the-father.*

Buscaremos defender neste ensaio que o texto de Freud, *Totem e tabu* (2012), não se situa como uma teoria que buscaria uma causa sociológica do simbólico, mas nos permite circunscrever uma origem simbólica do social, no sentido de Lévi-Strauss (1982). Sendo a cultura pensada como um sistema simbólico de regras (leis) que organizam as trocas sociais, tendo na proibição do incesto sua regra constitutiva, que assegura o domínio da cultura sobre a natureza.

Este gesto inaugural da cultura se apoia num mito fundador³, tanto da cultura quanto da subjetividade, referente ao pai totêmico. Um mito cuja estrutura e função definem e integram as relações sociais de troca num sistema simbólico. Tal estrutura simbólica terá a função de organizar tanto as formações sociais (as relações humanas) quanto as formações do inconsciente (origem da

estruturação subjetiva).⁴ Tal função de ligação (do desejo à lei) será definida em Lacan (2005) pelo conceito de nome-do-pai.

Neste sentido, buscaremos estabelecer algumas correlações entre o texto de Freud e as interlocuções teóricas de Claude Lévi-Strauss e Jacques Lacan.

Passemos a *Totem e tabu*.

Freud apresenta seu ensaio em quatro partes:

1. O horror ao incesto;
2. O tabu e a ambivalência dos sentimentos;
3. Animismo, magia e onipotência dos pensamentos;
4. O retorno infantil ao totemismo.

Na primeira parte, *O horror ao incesto*, trata das relações entre o totem e a proibição do incesto. Sua intenção é estabelecer “[...] uma comparação entre a ‘psicologia dos povos naturais’, tal como ensinada pela etnografia, e a psicologia dos neuróticos, tal como foi revelada pela psicanálise [...]” (FREUD, 2012, p. 11). Diríamos que, para além de um método comparativo entre o social e o individual, Freud busca uma homologia de estrutura entre a organização da cultura e a constituição da subjetividade. A lei social que estrutura a cultura como um sistema simbólico é a mesma que estrutura o universo simbólico do sujeito e o campo das relações intersubjetivas. Como referimos na introdução.

Freud fará uma relação entre o sistema totêmico dos que chamou de “povos da natureza”, os aborígenes da Austrália, com o sistema totêmico “que interessa também ao psicanalista” em sua clínica. Abordando o totem em sua função de mediador simbólico entre a natureza e a cultura, constrói uma metáfora que indica a relação entre os dois termos sem diluí-los um no outro. Indicando com isto que o homem, em sua natureza, é um ser de cultura.

Freud destaca ainda que, para os aborígenes da Austrália, o totem é índice de um sistema simbólico complexo de parentesco.

No lugar das instituições sociais e religiosas que não têm, acha-se entre os australianos o sistema do *totemismo*. Suas tribos dividem-se em clãs ou estirpes menores, cada qual nomeado segundo seu *totem*. [...] Mas o que é o totem? Via de regra é um animal, comestível, inofensivo ou perigoso, temido, e mais raramente uma planta ou força da natureza (chuva, água), e que tem uma relação especial com todo o clã. (FREUD, 2012, p. 12).

Ao perguntar-se o que é um totem, Freud nos evidencia que sua própria definição tem o estatuto de metáfora, um operador simbólico de transformação de um elemento de natureza (animal, planta, força da natureza) em referente genealógico.

Tal sistema totêmico permite que as tribos se diferenciem umas das outras e se reconheçam por pertencerem a determinado totem que é representado por um animal ou força da natureza. “O sistema do totemismo divide as tribos em clãs, cada um dos quais denominado de acordo com seu totem” (FREUD, 2012, p. 12).

Neste sentido, podemos compreender o sistema do totemismo como um sistema de nomenclatura que atribui um nome a um clã. Assim como uma modalidade de filiação que situa um ancestral comum ao clã.

O totem é, em primeiro lugar, o ancestral comum do clã, mas também seu espírito protetor e auxiliar, que lhe envia oráculos, e, mesmo quando é perigoso para outros, conhece e poupa seus filhos (FREUD, 2012, p. 12).

O totem, sendo um antepassado do grupo e seu espírito protetor, representa metaforicamente este Um pai originário, garantia simbólica de pertencimento ao grupo.

Os membros do clã, por sua vez, acham-se na obrigação, sagrada e portadora de punição automática, de não matar (destruir) seu totem e abster-se de sua carne (ou dele usufruir de outro modo) (FREUD, 2012, p. 12).

O totem não pode ser destruído pelos membros do grupo. Matá-lo corresponderia a matar sua própria origem. Sendo assim, cabe ao grupo mantê-lo e transmiti-lo por herança. “O totem é transmitido hereditariamente, por linha materna ou paterna” (FREUD, 2012, p. 12).

Tal herança funda relações de pertencimento e de obrigações ao grupo, estabelecendo suas leis de aliança tanto negativas, via proibição da endogamia, quanto positivas, via prescrição da exogamia.

A relação com o totem é o fundamento de todas as obrigações sociais para um australiano; ela se sobrepõe ao fato de pertencer a uma tribo, por um lado, e ao parentesco sanguíneo, por outro lado (FREUD, 2012, p. 12).

Quanto às características do sistema totêmico que interessam também ao psicanalista, Freud destaca o laço entre totemismo e exogamia.

Em quase toda parte em que vigora o totem há também a lei de que *membros do mesmo totem não podem ter relações sexuais entre si, ou seja, também não podem se casar* (FREUD, 2012, p. 12).

Desta forma, pode-se dizer que o sistema totêmico está governado por leis simbólicas, organizado por relações significantes que fundam uma estrutura elementar de parentesco, que visam a “substituir um sistema de relações consanguíneas, de origem biológica, por um sistema sociológico de aliança” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 76).

Tal como desenvolverá o antropólogo Claude Lévi-Strauss, trinta e seis anos depois do ensaio de Freud, em sua obra *As estruturas elementares do parentesco* (1949).

A proibição do incesto, como a exogamia, que é sua expressão social mais alargada, é uma regra de reciprocidade [...] O conteúdo da proibição não se esgota no fato mesmo da proibição, esta não é instaurada senão para garantir e fundar, direta ou indiretamente, mediata ou imediatamente, uma troca (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 91).

Uma proibição que estabelece regras de reciprocidade que fundam um sistema de trocas simbólicas, organizado no circuito de três tempos lógicos: dar, receber, retribuir. Regras matrimoniais, em que circulam homens ou mulheres entre os clãs; econômicas, relativas à troca de bens; e linguísticas, em que se trocam palavras.

Após a definição do totem como organizador simbólico, Freud passa a relacioná-lo ao tabu, nas duas partes seguintes de seu ensaio, preparando o retorno ao totemismo com o qual finaliza seu texto.

Passemos, então, à segunda e à terceira parte do ensaio freudiano sobre o tabu ligado ao totem.

O TABU E A AMBIVALÊNCIA DOS SENTIMENTOS

Segundo Freud, “o tabu está ligado à ideia de algo reservado, exprime-se em proibições e restrições, essencialmente” (FREUD, 2012, p. 26).

As proibições principais do tabu são as duas leis fundamentais do totemismo:

- 1) Não matar o animal totêmico.
- 2) Evitar relações sexuais com os indivíduos do sexo oposto que sejam do mesmo totem.

Quem aborda o problema do tabu a partir da psicanálise, isto é, da investigação da parcela inconsciente na vida psíquica individual, [...] sabe de pessoas que individualmente criaram para si proibições de tabu, e que as seguem de forma tão rigorosa como os selvagens obedecem às que são comuns à sua tribo ou sociedade (FREUD, 2012, p. 34).

Freud refere-se à neurose obsessiva como uma neurose-tabu. Destacando que “a primeira e mais óbvia coincidência das proibições obsessivas (dos neuróticos) com o tabu está em que são igualmente desprovidas de motivação e enigmáticas em sua origem” (FREUD, 2012, p. 34).

O tabu relaciona-se ao ponto nodal dos desejos sexuais infantis como o núcleo da neurose e suas proibições, assim como a vontade de transgredi-las, que continua a existir no inconsciente.

Neste sentido, as proibições sociais do tabu são homólogas às proibições da neurose obsessiva.⁵ Por isso Freud chama esta última de uma neurose-tabu. As proibições relacionadas ao tabu indicam o desejo.⁶

Tal relação com o desejo será elucidada na última parte do ensaio freudiano, *O retorno infantil ao totemismo*, onde fará referência ao pai primevo como detentor de todas as mulheres, assassinado pelos filhos para que também eles tivessem acesso às mulheres. Tal acesso a todas as mulheres, que foi proibido pelo contrato feito entre os irmãos, funda a perda desta condição de gozo absoluto (ter todas as mulheres).

Segundo Soler (2016, p. 18), “[...] esse mito indica que é necessário haver uma perda primeira para que a regulação de um laço social seja possível. Pode-se dizer que esse é o mito da gênese histórica do desejo”. Esta perda engendra o desejo. É preciso uma perda – uma renúncia da libido – para que alguma regulação do laço social seja possível. Esta lei da interdição, metaforizada pela morte do pai, vai passar a simbolizar o obstáculo suposto ao gozo (SOLER, 2016). Um impossível (ter todas as mulheres) tornado proibido.

Freud investiga três tabus entre os primitivos, que situam três figuras de outro a serem evitadas: os inimigos, os chefes, os mortos.

- a) O tabu dos inimigos: exige práticas de reconciliação com o inimigo

morto. Ato de purificação como tentativa de diferenciar e distanciar o “pai como inimigo morto” do “pai morto como inimigo”.

b) O tabu dos chefes: os cerimoniais-tabu. Serve para distinguir os reis, elevados, dos demais mortais. Figura de exceção que transforma a vida num inferno, convertendo-a numa carga insuportável ao lhe impor uma servidão muito mais onerosa que a de seus súditos. Tal como no ato obsessivo da celebração da figura paterna como reprodução do proibido, o cerimonial-tabu, tendo a aparência de ser uma expressão de respeito, é em realidade um castigo e uma vergonha que os súditos têm ao manterem uma relação de servidão com o rei pelas honras que lhes tem concedido. Mantém-se um pai elevado, acima dos mortais, rebaixando-se.

c) O tabu dos mortos: “sabemos que os mortos são soberanos poderosos, talvez nos surpreendamos ao saber que são vistos como inimigos” (FREUD, 2012, p. 59).

Por que os mortos têm tanta importância? Porque os mortos ligam-se ao estatuto de figuras de exceção, poderosos soberanos, acima dos mortais.

A proibição de pronunciar o nome de alguém que está morto. O fato de que toda uma tribo troque de nome quando alguém morre nos indica que tal morto tem um lugar de referência simbólica, de alteridade absoluta, relativo a um nome que representa este lugar. Assim como a proibição de pronunciar o nome de Yahweh⁷, na tradição judaica, por exemplo. O temor de provocar a presença do morto pelo simples fato de nomeá-lo.

A proibição visa a evitar por algum meio o retorno do morto. Este retorno é perigoso, pois se investe o morto do poder ameaçador da vida dos vivos.

Assim, a proibição define um conjunto de regras sociais formuladas em nome do pai morto.

O tabu é um mandamento moral. Lá onde o primitivo espera um castigo pela transgressão, na neurose obsessiva, em troca, o que se dá é um temor pelo outro. E, fundamentalmente, o temor de que um outro possa morrer.

Segundo Freud, “[...] teme-se, entre os primitivos, que a violação do tabu acarrete uma punição, geralmente uma grave enfermidade ou a morte” (2012, p. 77). Só aquele que se tem feito culpável de tal transgressão é ameaçado por este castigo. Se o castigo demora a acontecer, toda a comunidade se apressa em aplicá-lo, pois se sente ameaçada por contágio.

Na neurose obsessiva as coisas acontecem de outra forma.

Se o doente realiza algo de proibido, ele não teme o castigo para si, mas para outra pessoa, que geralmente não especifica, mas que na análise é facilmente reconhecida como uma das mais próximas e mais amadas por ele (FREUD, 2012, p. 77).

O que Freud tem examinado nesta comparação é uma diferença substancial entre a formação social e a neurose. No caso do social, o que está em jogo geralmente é o outro semelhante, marcado pela reversibilidade transitiva eu/outro, e no caso da neurose, é o Outro simbólico, alteridade no interior do si mesmo.

O “altruísmo” obsessivo, travestido no desejo de morte, só adquire sua significação depois da interpretação do psicanalista, depois que o inconsciente o organiza segundo suas leis.

O ato obsessivo, embora pareça defesa contra o proibido, não passa de sua reprodução, visto que a aparência se refere à vida psíquica consciente, enquanto a realidade se relaciona à vida psíquica inconsciente (KOLTAI, 2018, p. 34).

Passemos à terceira parte do ensaio, relativa às características do tabu.

ANIMISMO, MAGIA E ONIPOTÊNCIA DAS IDEIAS

Animismo, magia e onipotência das ideias são as três principais características do tabu.

O animismo refere-se às crenças de transformação de objetos inanimados em objetos animados (do inumano ao humano), que Freud relacionará à onipotência do pensamento como uma característica do narcisismo infantil.

O que levou à introdução desses termos foi a percepção da singularíssima concepção do mundo e da natureza que têm os povos primitivos de nosso conhecimento, tanto os históricos como os ainda vivos. Eles povoam o mundo com inúmeros seres espirituais que lhes são benévolos ou malignos; veem nesses espíritos e demônios as causas dos processos naturais e acreditam que não apenas os animais e plantas, mas também as coisas inanimadas são animadas por eles (FREUD, 2012, p. 80).

A magia estando ligada à ideia de controle da natureza através do pensamento e relacionada aos rituais religiosos. Ambos, animismo e magia, implicam a onipotência das ideias sobre a realidade.

Em que se diferenciaria, então, o animismo da religião, segundo Freud? No fato de que o animismo se caracteriza pelo uso da magia enquanto a religião pela necessidade do cerimonial. Tal como os atos obsessivos de caráter mágico, necessitam de rituais de controle, por exemplo.

Os neuróticos agem de modo semelhante aos primitivos, também hesitam em reconhecer que a situação real não é aquela que desejariam. Ambos são movidos pela onipotência do pensamento. [...] No caso dos neuróticos obsessivos, tanto os atos quanto as fórmulas de defesa possuem natureza mágica, o que leva Freud a concluir que na vida desses civilizados, apaixonados pela razão, imperam a onipotência das ideias e o predomínio dos processos psíquicos sobre a vida real (KOLTAI, 2018, p. 41-42).

De acordo com Koltai (2018), os três primeiros ensaios de Freud preparam o fundamento de sua "metapsicologia do social", elaborada na quarta e última parte, intitulada *O retorno infantil ao totemismo*, que relaciona o totemismo à proibição do incesto como fundante da cultura. "A passagem do animismo, da magia e da onipotência das ideias para o universo da religião, e depois da ciência, se faz graças à renúncia pulsional exigida pela Kultur" (KOLTAI, 2018, p. 42).

Passemos a ela.

O RETORNO INFANTIL AO TOTEMISMO

Na última parte do ensaio, Freud retorna ao totem para enunciar sua hipótese do mito do pai da horda primitiva. Destaca que a origem do totemismo não pode ser explicada apenas pela “[...] incerteza dos selvagens quanto ao processo pelo qual homens e animais se reproduzem. Em especial, a ignorância do papel dos machos na fecundação”. (FREUD, 2012, p. 119).

Considerando que a referência à origem é sempre de ordem mítica, que necessita de uma narrativa ficcional para situá-la como acontecimento fundador, Freud nos indica que tal origem se encontra referida a uma metáfora, na qual o animal totêmico é o substituto do pai.

A psicanálise nos revelou que o animal totêmico é de fato o sucedâneo do pai, e com isso harmoniza-se a contradição de que normalmente é proibido matá-lo, mas o assassinio torna-se ocasião de festa, de que o animal é morto e, no entanto, pranteado. A postura afetiva ambivalente, que ainda hoje caracteriza o complexo paterno em nossas crianças e frequentemente prossegue na vida adulta, se estenderia também ao sucedâneo do pai, o animal totêmico (FREUD, 2012, p. 140)

O pai da horda surge dos inícios do totemismo como um pai violento.

Um pai violento e ciumento, que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem, eis o que ali se acha. Esse estado primevo da sociedade não foi observado em nenhuma parte. O que vemos como organização primitiva, que ainda hoje vigora em determinadas tribos, são bandos de machos, compostos de membros com direitos iguais e sujeitos às restrições do sistema totêmico, inclusive a herança por linha materna (FREUD, 2012, p. 140).

Num segundo momento, tal pai onipotente é morto e incorporado no festim totêmico. A devoração/incorporação do pai produz uma identificação simbólica com ele.

Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva. Unidos, ousaram fazer o que não seria possível individualmente. [...] Sem dúvida, o violento pai primevo era o modelo temido e invejado de cada um dos irmãos. No ato de devorá-lo eles realizavam a identificação com ele, e cada um apropriava-se de parte de sua força. (FREUD, 2012, p. 141)

Desta forma, o pai morto torna-se uma função simbólica idealizada como representante da lei.

[...] surgiu uma consciência de culpa, que aí equivale ao arrependimento sentido em comum. O morto tornou-se mais forte do que havia sido o vivo. [...] Assim criaram, a partir da consciência de culpa do filho, os dois tabus fundamentais do totemismo, que justamente por isso tinham de concordar com os dois desejos reprimidos do complexo de Édipo (FREUD, 2012, p. 141-142).

A relação simétrica com o pai rival é mediada pelo contrato simbólico assimétrico de idealização, que torna o pai uma função (SAFATLE, 2017).

Com o sucedâneo do pai pôde-se fazer a tentativa de mitigar o vivo sentimento de culpa, de obter uma espécie de reconciliação com o pai. O sistema totêmico foi, digamos, um contrato com o pai, em que este concedia tudo o que a fantasia da criança podia dele esperar, proteção, cuidado, indulgência, em troca do compromisso de honrar sua vida, ou seja, não repetir contra ele o ato que havia destruído o pai real (FREUD, 2012, p. 142-143).

Assim, a relação entre organização totêmica e proibição do incesto liga-se ao complexo de Édipo como função normativa e fundamento mítico da humanidade. O tabu do incesto e a origem da exogamia organizando as relações sociais e tendo no totem seu mito fundante. Um mito que se forja para um nome.

O totem, como um animal posto no lugar do pai, indica a condição de exceção deste Um *não homem* pai. Antepassado, efeito de um nome que funciona como ancestral do sujeito. Um nome com efeito de ordenar a exogamia e unir o desejo à lei. Um nome do pai.

O OPERADOR TOTÊMICO COMO FUNÇÃO PATERNA

Lacan, em seu seminário interrompido sobre os nomes-do-pai⁸ indica-nos a importância das elaborações do antropólogo Claude Lévi-Strauss em sua leitura da função do totem para Freud.

O pai primordial é o pai anterior ao interdito do incesto, anterior ao surgimento da Lei, da ordem das estruturas da aliança e do parentesco, em suma, anterior ao surgimento da cultura. Eis por que Freud fez dele o chefe da horda, cuja satisfação, de acordo com o mito animal, é irrefreável. Que Freud chame esse pai de totem adquire todo sentido à luz dos progressos introduzidos pela crítica estruturalista de Lévi-Strauss, sobre a qual vocês sabem que põe o relevo na essência classificatória do totem (LACAN, 2005, p. 73).

A referência ao originário adquire representação no mito, a posteriori. É com a morte do Urvater que o totem se torna um significante paterno, símbolo da Lei. Assim, o totem assume uma função classificatória. O operador totêmico mostra-se como o que interdita o canibalismo de determinado animal que simboliza o mito de origem de determinado grupo étnico (pois o comer seria comer a sua própria existência), assim como interdita as alianças conjugais entre os membros de um mesmo grupo totêmico, possibilitando que as relações de aliança entre os grupos regrem as relações de consanguinidade (a interdição prescreve leis positivas e negativas – diz com quem se deve casar e com quem não é possível fazê-lo).

Essa função, que sustenta a interdição, é definida em Lacan como função paterna (1998). Tal função possibilita o estabelecimento dos laços edípicos, em nossa cultura, entre “pai”, “mãe”, “filho(a)”, no interior do grupo familiar, sustentados por uma conjugação impossível “mãe-filho(a)”.

A função paterna será responsável por definir o lugar da falta na estrutura (psíquica, de parentesco, de linguagem) regrada pela operação simbólica cha-

ARTIGO

mada de castração (interdição). Essa falta será simbolizada por um significante a partir do qual a significação de todos os lugares (na língua, na cultura, nos laços sociais e psíquicos) vai se organizar: o significante do falo.

O falo simbólico equivale à Lei – tanto a que permite a existência da cultura quanto a que permite a existência da linguagem e do sujeito. Sua função é a de que todos os lugares adquiram significação.

A operação da castração simbólica é o que vai suportar as representações suscetíveis de serem investidas pelo desejo. O falo será seu representante (há um significante que falta), sendo o nome-do-pai a metáfora do falo. Tal como formula Lacan, em seu seminário *As formações do Inconsciente* (1998).

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{\text{A}}{\text{Falo}} \right)$$

Esta função discursiva que sustenta a interdição na cultura é a responsável pela presença do sujeito na linguagem. O sujeito torna-se falante em nome da função que lhe outorgou um lugar na estrutura da linguagem e que organiza essa própria estrutura, isto é, fala-se em nome-do-pai.

Para ser falante é necessário referir-se a essa função. Para falar é preciso ocupar esse lugar, mas esse lugar não é um lugar vazio. Ele é constituído por uma série de traços que são os traços ideais supostos a essa função. Por isso Lacan vai situar o sujeito falante como aquele que aceitou ocupar esse lugar, que vai se constituir como o Ideal do Eu. Assim, o lugar de onde o sujeito fala é o lugar do Ideal do Eu.

Falamos desse lugar que o Outro nos outorgou na estrutura. O sujeito pode reconhecer, no a posteriori de sua fala, o conjunto de traços que o permitiram enunciar, de que lugar de sua estrutura subjetiva linguageira organizou-se determinado dizer, os significantes que fazem a série de sua história.

É na apropriação da herança deixada pelos traços paternos que o nome-do-pai pode tornar-se um nome próprio. Compor seu próprio caminho com os traços que foram cunhados em sua estrutura subjetiva e que conformam seu Ideal do Eu e sustentam seus projetos identificatórios. Traços que definirão o seu estilo, sua forma de compor com o outro a partir do que fala na estrutura: uma falta comum.

De fato, Lacan estava certo quando disse que “é preciso ter o Nome-do-pai, mas é também preciso que saibamos servir-nos dele” (LACAN, 1998, p. 163). Servir-nos de seus significantes que articulam tanto a presença do pai metaforizador quanto a do pai metaforizado. Pacto simbólico fundante da cultura que permite a cada um fazer-se como ser humano na relação com outro ser humano.

NOTAS

3. Segundo Soler (2016, p. 17) “[...] o mito é precisamente uma narração fabulatória, mas cuja função é designar um real, um impossível de se formular”.
4. Tais relações remetem à indicação de Lévi-Strauss sobre “a natureza inconsciente dos fenômenos coletivos” (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 34).

5. Confira-se os temores do *homem dos ratos* (FREUD, 2013) com relação a seu pai morto, e o comentário de Lacan (2008) em *O mito individual do neurótico*.
6. Tese freudiana já enunciada em *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 2019) e *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 2016).
7. Confira-se o pequeno texto de Freud *O significado de uma sequência de vogais* (2010), sobre o recalçamento (das vogais) do nome de Deus no judaísmo.
8. De acordo com a indicação de Miller, no preâmbulo da edição em português da única lição do seminário intitulado *Nomes-do-Pai* (LACAN, 2005, p. 7), o seminário foi “interrompido em circunstâncias dramáticas – a perda de sua função de ‘didata’ (na época, psicanalista habilitado a formar psicanalistas) –, o Seminário deveria ter um novo ponto de partida em janeiro de 1964, na rua d’Ulm, nas dependências da École Normale Supérieure, sob o título *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*”.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. O significado de uma sequência de vogais In: _____. **Obras completas:** volume 10. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- _____. Totem e tabu. In: _____. **Obras completas:** volume 11. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- _____. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação da infância de Leonardo da Vinci e outros textos. In: _____. **Obras completas:** volume 9. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2013.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos. In: _____. **Obras completas:** volume 6. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016.
- _____. A interpretação dos sonhos. In: _____. **Obras completas:** Vol. 4. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KOLTAI, C. **Totem e tabu:** Um mito freudiano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- LACAN, J. **O mito individual do neurótico.** Rio de Janeiro, 2008.
- _____. **O seminário:** Livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- _____. **Nomes-do-Pai.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares do parentesco.** Petrópolis: Vozes, 1982.
- _____. **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- SAFATLE, V. **Introdução a Jacques Lacan.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- SOLER, C. **O que faz laço.** São Paulo: Escuta, 2016.